



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

REGISTROS DO DIVINO NEOPLATÔNICO NOS ESCRITOS DE AGOSTINHO DE HIPONA

RECORDS OF THE NEOPLATONIAN DIVINE IN THE WRITINGS OF AUGUSTINE OF HIPPO

Marcelo Rodrigues dos Reis (UEG)¹
Rhuan Filipe Montenegro dos Reis (UniCEUB)²

Resumo:

Agostinho de Hipona (354-430), reconhecido filósofo e teólogo maior da cristandade, em suas buscas intelectuais e de fé, especulou de maneira competente sobre diversos temas, entre eles a natureza de Deus. E o fez a partir de múltiplas imagens e ideias que reuniu ao longo de sua trajetória, marcada pela leitura de autores clássicos e pelo contato com pensadores que, religiosos ou pagãos, foram seus contemporâneos. Plotino (205-270), por certo, figura como uma das mais destacadas dessas referências. Ao assumir a análise documental como método, o presente artigo se dedica ao exame dos escritos de Agostinho, notadamente das *Confissões*, com a proposta de identificar neles registros – apropriados ou ressignificados – do divino à luz dos esquemas neoplatônicos de entendimento dos mundos imanente e transcendente.

Palavras-chaves: Agostinho de Hipona. Neoplatonismo. Plotino. Deus/Uno. Filosofia Agostiniana.

Abstract:

Augustine of Hippo (354-430), recognized philosopher and greater theologian of Christendom, in his intellectual and faith searches, speculated competently on various themes, among them the nature of God. And he made him from multiple images and ideas he gathered along his trajectory, marked by the reading of classic authors and contact with thinkers who, religious or pagan, were his contemporaries. Plotinus (205-270), certainly, figure as one of the most outstanding of these references. By assuming documentary analysis as a method, this article is dedicated to the examination of Augustine's writings, notably from confessions, with the proposal to identify in them appropriate or reworked records in the Divine in the light of the neoplatonic schemes of understanding of the immanent and transcendent worlds.

Key words: Augustine of Hippo. Neoplatonism. Plotinus. God/One. Augustinian philosophy.

Introdução

Com o escopo de identificar e analisar alguns entendimentos sobre o divino neoplatônico nos escritos de Agostinho de Hipona, sobretudo a partir da compreensão dos

¹ Universidade de Brasília, Universidade Estadual de Goiás e Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil. Doutor em História. E-mail: marceloreisueg@gmail.com.

² Universidade de Brasília, Centro Universitário de Brasília e Fundação Getúlio Vargas, Brasília, DF, Brasil. Advogado e Mestrando em Direito e Políticas Públicas. E-mail: rhuan-reis@hotmail.com.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

vários papéis que o doutor da Igreja assumiu (o homem, o mundano, o intelectual, o religioso etc.), buscamos traçar alguns apontamentos sobre as influências do *neoplatonismo* em sua produção espiritual e intelectual. Busca-se, com isso, fortalecer a admissão de que o filósofo concentra em seus escritos fundamentos neoplatônicos – hipótese que orienta essa pesquisa – o conceito de *Uno*, trabalhado em Plotino e que, a nosso sentir, inspira Agostinho.

A relevância acadêmica da pesquisa pode ser explicada pelos atos de tradução e exegese, enquanto disposições contínuas de resgatar escritos e saberes passados para os confrontar com a realidade em que nos encontramos, posto que se a exegese, de um lado, busca o sentido que o autor “quer exprimir a seus contemporâneos” – tal qual a hermenêutica que cuida do sentido que um texto “pode adquirir hoje” (ALMEIDA; FUNARI, 2016, p. 48) – a tradução, por seu turno, constitui transposição (traslado) de sentidos de um território conceitual a outro, operação intelectual que envolve continuidade e criação e, por corolário, há de atentar às variações geográficas e temporais pelas quais a linguagem passa, as mudanças promovidas pelos falantes de uma língua nos contextos comunicativos (pragmática), as mutações naturais em seus significados (semiótica) e na interação com outros dizeres (sintaxe), que são fundamentais no manejo e na produção de conhecimento a partir das fontes históricas (MORRIS, 1976).

A metodologia de nosso trabalho se prende fundamentalmente à pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, recorre-se a fontes primárias, com ênfase nos escritos de Santo Agostinho e Plotino, justamente de modo a buscar eventuais confluências entre tais registros. É verdade que a figura de Agostinho Hipona despertou o interesse de nomes históricos ligados à Igreja, como Eusébio Sofrônio Jerônimo (Eusébio de Estridão), teólogo, historiador e contemporâneo do bispo de Hipona. Também Ambrósio de Mediolano, que, como bispo de Milão, muito contribuiu para que Agostinho se convertesse à fé cristã – tendo, inclusive, oficiado o batismo de seu filho Deodato –, mas que sobretudo se provou personagem decisiva para que Agostinho abandonasse a doutrina maniqueísta. Examinamos ainda escritos oficiais, como a carta apostólica do Papa João Paulo II, publicada em 1986, por ocasião dos 1600 anos da conversão de Agostinho. Essas são algumas das balizas que nos permitem acessar a ordem de influências sobre Agostinho, aquele que, nas palavras de Otto Maria Carpeaux (2008), tornou-se “o Colombo de um novo continente”.

Agostinho de Hipona: notas biográficas



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Antes de tudo, importa-nos registrar as iniciativas de pesquisa e a documentação examinada para compreender a trajetória de Agostinho de Hipona - Aurelius *Augustinus Hipponensis*. E, naturalmente, dessas buscas, consubstanciou-se um número apreciável de obras biográficas a ele dedicadas. A título de exemplificação, cito o clássico trabalho do historiador irlandês Peter Brown (2005): *Santo Agostinho: uma biografia*³.

Nascido aos 13 de novembro de 354 da Era Comum, em Tagaste – atual comuna argelina de Souk Ahras –, Santo Agostinho morreria em 28 de agosto de 430, em Hipona (hoje, a cidade argelina de Annabe). O filósofo e teólogo, de vida septuagenária, revelou-se uma personagem, a um só tempo, marcante no Império Romano e na África suprasaariana e, por força disso, colecionou um bom número de titulações, designações e reconhecimentos ao longo e depois de sua vida. Dentre eles, citamos: autor patrístico, filósofo cristão, teólogo fundador, bispo (ou santo) de Hipona, *o hiponense*, santo Doutor, doutor da Graça, mentor da Igreja Católica, patrono dos agostinianos, *spiritualis doctor*, *pai teológico*, *o santo da inteligência*. Para os ortodoxos, *o abençoado Agostinho*. Seja como for, cravou seu nome na história do pensamento ocidental.

Era filho de Patrício, um homem pagão que, no extremo da vida, converteu-se ao cristianismo, e Mônica⁴, religiosa fervorosa, que se tornaria modelo maternal entre os adeptos da fé cristã. Inclusive, conforme ressaltaremos adiante, a partir de sua conversão, Agostinho assumirá em definitivo o catolicismo da mãe. Desde muito cedo, ele revelou possuir uma personalidade inquieta, indagadora e obstinada. Na idade adulta, tornou-se homem letrado, loquaz e culto, resultado de uma educação que, iniciada precocemente, compreendia gramática, retórica, o estudo do latim, de temas pagãos e da literatura, sobretudo de autores latinos, como Cícero e outros. Aurélio Agostinho tornou-se, tanto na escrita quanto nos sermões, um ciceroniano, em especial pelo manejo habilíssimo da retórica. Competente orador, no ano de 370, estabeleceu-se em Cartago, onde deu continuidade a seus estudos e passou a lecionar gramática. Nessa fase, sobretudo, experimentou dos prazeres mundanos mais livremente. Deixou-se arrebatar pelos chamamentos profanos. Envolveu-se afetivamente com uma mulher

³ Trata-se de estudo biográfico abrangente, que recomendamos fortemente: Peter Brown. *Santo Agostinho: uma biografia*. Trad. Vera Ribeiro. 11ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2020.

⁴ Canonizada (1153), Santa Mônica se tornou a padroeira das mães cristãs.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

cuja identidade permanece desconhecida. Com ela, Agostinho teve Deodato, filho que morreria precocemente, aos 16 anos. A perda desse ente, de modo extemporâneo, impeliu-o a refletir sobre a transitoriedade e o caráter precário das relações e ligações terrenas. Em 373, aproximou-se do maniqueísmo, doutrina que, largamente disseminada no império romano, acentuava a oposição entre o bem, domínio do espírito, e o mal, expressão da matéria.

Progressivamente, Agostinho passou a questionar os fundamentos do maniqueísmo e, nesse processo, estabeleceu contato estreito com os escritos de Plotino (204-270), como as Enéadas, obra que o encorajaria ainda mais a se converter ao cristianismo católico. Em Milão (Mediolano, à época), onde se instalou no ano 384, assumiu a cátedra de Retórica, período em que trabalhou para o imperador Valentiniano II, conheceu santo Ambrósio e se envolveu com o neoplatonismo.

Consagrado bispo de Hipona em 395, por volta de seus 40 anos, Agostinho se firma como autoridade religiosa. O bispado consiste no “encontro” gradual dele com Deus e representa o ponto de viragem de sua história, que se desloca dos excessos mundanos para o ascetismo intelectual. Vale ressaltar que o ascetismo protagonizado por Agostinho não é apenas moral, mas sobretudo do intelecto. Diga-se que os escritos clássicos estão na base de sua vigorosa inteligência e mesmo de suas ideias e crenças religiosas. Nesse sentido, importa registrar que Agostinho leu Hortênsio, de Cícero, escrito que, segundo ele, teria inspirado a sua conversão:

No decurso de estudos comuns, encontrei certo livro de Cícero, cujo discurso tinha a admiração de quase todos, diferente de seu coração. O livro é uma exortação à Filosofia e chama-se "Hortênsio". Este livro alterou meus sentimentos e direcionou minhas orações para Ti, ó Senhor; fez-me ter outros desejos e propósitos. Cada esperança vazia de repente tornou-se indigna de mim; ansiei ardentemente por uma imortalidade de sabedoria e comecei a emergir, retornando para Ti. Já não era com o intuito de afiar minha língua que utilizava aquele livro (aos dezenove anos, época em que minha mãe provia o dinheiro para meus estudos de Retórica, dois anos após a morte de meu pai), pois o que infundiu no meu coração não fora o estilo, mas o conteúdo. (AGOSTINHO, 2019, p. 46).

A passagem em destaque é profundamente reveladora da criatura que cultiva o amor ao saber, condição que importa ao filósofo e ao cristão que é Agostinho, determinado a encontrar a verdade, o que, na visão do homem, permitiria a sua união com o divino. A sabedoria para Agostinho consiste naquilo que depura a alma. É bastante admissível, portanto, que Agostinho



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

se convencera de que sua metanoia era resultado de uma sábia decisão, de um cõscio redirecionamento. Pelo cumprimento de seu dever sacerdotal e, principalmente, pelas contribuições proporcionadas ao processo de sistematização da doutrina católico-cristã, Agostinho foi canonizado e admitido como Doutor da Igreja em 1298 pelo papa Bonifácio VIII.

A verdade é que a história de Agostinho se funde com a do império romano em declínio. Foi ele um homem do Ocidente tardo-antigo. Agostinho morre enquanto Hipona está sob o cerco dos vândalos, grupo de germanos convertidos ao arianismo. Como dizem os católicos, no ano de 430, o bispo de Hipona entraria com sua alma na Cidade eterna, mas não sem antes testemunhar o horror. Jacques Le Goff (2005), por exemplo, evoca testemunhos da época que descrevem as atrocidades desses assaltos e, complementarmente, responsabilizam os romanos, agarrados ao imperialismo, por esses acontecimentos. Como teólogo latino e já ancião, Agostinho de Hipona acompanhou o avanço hostil dos grupos germânicos sobre o império romano e, também nessa fase, ocupou-se de refletir sobre a razão de o mal assolar os seus. Nesse quadro de crise, a Igreja se empenhou em oferecer abrigo aos mais vulneráveis às investidas germânicas, o que instou Agostinho a se referir de maneira elogiosa às ações da Igreja diante dos assaltos promovidos pelos povos invasores.

Aspectos do pensamento de Agostinho

A princípio, é importante ressaltar que a personalidade de Agostinho se estruturou a partir de múltiplas influências. Muito em razão da educação proporcionada a ele por sua família, do bom número de textos clássicos a que teve acesso no período e, principalmente, de sua paixão confessa pelo conhecimento. Agostinho de Hipona, ao longo da vida, iria se declarar púnico – como se referia à sua origem –, maniqueísta, donatista (culto religioso cristão enquadrado como herético), platônico, católico etc. Destacam-se, na formação de seu repertório intelectual, filósofos e autores gregos e romanos, a exemplo de Platão e o já mencionado Cícero. E naturalmente pensadores neoplatônicos, particularmente Plotino (204-270), de quem Agostinho se tornaria confesso admirador.

O bispo de Hipona não omitia o fato de que recorria aos escritos clássicos na busca por chaves de compreensão que permitiam a ele mais racionalmente dar lustro à sua teologia cristã. Mais do que isso, Agostinho incentivava os clérigos dedicados ao estudo do *texto sagrado* e



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

dos temas doutrinários do cristianismo a fazer o mesmo movimento. Le Goff, em seu *A civilização do ocidente medieval*, aborda essa conjuntura e cita diretamente Agostinho:

O debate, o conflito entre cultura pagã e espírito cristão ocupou a literatura paleocristã, depois a da Idade Média e, desde então, muitos trabalhos modernos dedicados à história da civilização medieval. [...] A literatura pagã como um todo apresenta dificuldades para a Idade Média cristã, mas no século V a questão já está resolvida de fato. Até o século XIV haverá extremistas das duas tendências opostas: os que proíbem o uso e até a leitura dos autores antigos, os que os usam amplamente de maneira ora mais, ora menos inocente. E a conjuntura favorecerá alternadamente uns ou outros. Mas a atitude fundamental foi reprimida pelos Padres da Igreja e perfeitamente definida por Santo Agostinho ao declarar que os cristãos deveriam utilizar a cultura antiga assim como os judeus haviam usado os despojos dos egípcios. “Se os filósofos (pagãos) por acaso emitiram verdades úteis à nossa fé, sobretudo os platônicos, além de não devermos temer essas verdades devemos tirá-las para nosso uso desses ilegítimos detentores.” [...] Esse programa do *De doctrina christiana*, que será lugar comum na Idade Média, na verdade abre as portas para toda uma gama de utilizações da cultura greco-romana. Com frequência os homens da Idade Média se aterão literalmente ao texto de Agostinho (LE GOFF, 2005, p. 107-108).

Esses contatos com várias tradições compreendiam o presente de Agostinho. Na busca por respostas, que sua mente inquieta e prodigiosa lhe impunham, lidou com outras doutrinas heterodoxas de seu tempo, como donatistas, pelagianos etc. Também com o maniqueísmo, o ceticismo e o neoplatonismo. O que permitiu a ele alinhar uma ampliada compreensão do sagrado. Compreensão essa incluída e, como se vê, urdida à base de múltiplas referências. A título de síntese, Agostinho correlacionou e mesclou elementos das tradições bíblica e clássica, bem como do maniqueísmo, escola de pensamento originária do profeta persa Manes ou Maniqueu (216-274). Interessante anotar que a doutrina maniqueísta sincretizava elementos de religiões e correntes de pensamento como hinduísmo, budismo, zoroastrismo, judaísmo, gnosticismo, neoplatonismo e cristianismo. Uma seita, de certa forma racional, que pregava o ascetismo rigoroso e repudiava o mundo material e a ética veterotestamentária.

A ideia do Deus mal (autocentrado, cruel e vingativo), protagonista do Velho Testamento, vigorava entre os maniqueístas. Tal doutrina grassou para além dos limites do império parta, alcançando o Norte da África. Entre 18 e 19 anos, Agostinho aderiu ao maniqueísmo, tendo permanecido atrelado a ele por quase uma década.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Para além de tais noções, o filósofo também foi marcado pelas leituras que fez dos *Libri platonicorum* (Livros dos platônicos). A leitura de obras platônicas estreitou a conexão da mente de Agostinho com as zonas transcendentais, extramundanas, metafísicas, visto que, preponderantemente, os pensadores do mundo antigo eram – e isso ele percebera – assumidamente materialistas.

Em seu trânsito pelo neoplatonismo, assume a posição de que o materialismo, fundamento elementar da filosofia estoica e do maniqueísmo, não dava conta do divino. O neoplatonismo desperta seu interesse, por assim dizer, inclusive, para as questões e as realidades espirituais. Em *Confissões* – especificamente no Livro VII, Capítulo IX –, ele se refere diretamente ao neoplatonismo. O divino, nesse contexto, encontrava lugar e valor elevado nessa dimensão supranatural por ele descoberta. Na companhia de Ambrósio (340-397), aprendera a não fazer apenas interpretações literais da Bíblia e, nas *Confissões* (2019), Agostinho sublinha a regularidade com a qual via o bispo Ambrósio de posse do *codex* das Sagradas Escrituras.

Agostinho e Plotino: diálogos e confluências

Dadas as contextualizações e condições concernentes à aproximação entre Agostinho e Plotino, essa etapa do texto dedica-se, mais detidamente, ao confronto das fontes primárias de tais expoentes da filosofia. Procura-se, nesse expediente, realizar diagnose dos pontos em comum nas visões que ambos preservaram sobre Deus ou, para Plotino, sobre o *Uno*. Na condição de intelectual cristão, Agostinho de Hipona especulou demorada e dedicadamente a respeito da natureza de Deus. E o fez, conforme anunciamos, a partir de referências que reuniu ao longo de sua trajetória, pontuada pelo contato com autores clássicos e pensadores que lhe eram contemporâneos. Plotino foi um dos mais destacados deles. Como filósofo e teólogo, Agostinho serviu-se de certos esquemas de entendimento neoplatônicos – recombinações por seu intelecto – enquanto especulava sobre a origem, a natureza e a potência do divino.

Do encontro de tais referências, anotamos as confluências que se seguem. Em um primeiro momento, ambos parecem partir de uma inquietação comum, qual seja: a natureza divina. O que se pode saber sobre Deus? Essa inquietação parece balizar o itinerário intelectual e sacerdotal de Aurélio Agostinho, a *quaestio Dei* (questão da existência de Deus). Na visão dele, propor respostas a esse problema fundamental equivaleria à consumação de um encontro



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

progressivo com a verdade. No âmbito da teologia cristã, firmou-se o entendimento de que a natureza divina é estritamente imaterial. Plotino, por seu turno, qualifica Deus como Uno (a unicidade de Deus) e relaciona seus atributos: absoluta transcendência; Deus, o criador de tudo o que existe; a Deus não são atribuíveis qualidades e traços humanos; Ele não é humanamente discernível, definível, cognoscível; não é redutível a formulações conceituais antropológicas. Enquanto no mundo terreno reside a multiplicidade efêmera, o Uno consiste no ponto de origem e de chegada, nas balizas inaugural e final da existência.

Outro ponto de confluência entre eles reside na concepção de que Deus é incriado (ou não-gerado), isto é, Deus antecede a criação. Para Agostinho, Deus é um ser preexistente. E Plotino defende a ideia de que o Uno precede a multiplicidade. O homem é uma unidade (entre muitas); Deus, a unidade. Para os (neo)platônicos, tudo (o cosmos e as coisas existentes) procede, por emanção (ou processão), do Uno, o absoluto princípio ontológico. O *filósofo licopolitano* argumenta que a Unidade (primordial) garante a existência dos seres e das coisas, dos mundos inteligível e sensível. Deus dá origem e forma ao universo, à natureza e à humanidade por um ato livre e dadivoso, pelo emprego da palavra, pelo dizer criador. Interessante anotar que, em *Confissões* (2019), Agostinho reporta diretamente o *verbo* como expediente divino para instituir a existência:

Neste princípio, Deus, fizeste céu e terra: no teu verbo, no teu filho, no teu vigor, na tua sapiência, na tua verdade, maravilhosamente dizendo e maravilhosamente operando. Quem poderá compreendê-lo? Quem poderá narrá-lo? O que é aquilo que me cintila e que percuti o meu coração sem feri-lo? E eu fico trépido e ardente: trepido, enquanto sou dissemelhante a ele; ardo, enquanto sou semelhante a ele. É a sapiência, a sapiência mesma que me cintila, rompendo a minha nuvem, que, porém, novamente, logo que ela desfaz, me envolve na caligem e me põe sob o peso das minhas penas, pois o meu vigor se enfermou a tal ponto na indigência, que não suporto o meu bem, até que tu, Senhor, que te tornaste propício a todas as minhas iniquidades, cures também todos os meus langores, porque redimirás da corrupção a minha vida e me coroarás em comiseração e misericórdia e saciarás nos bens todo o meu desejo, porque se renovará a minha juventude como águia. De fato, na esperança fomos salvos e pela paciência esperamos as tuas promessas. Escute quem pode a ti que falas no íntimo. Eu, confiante, gritarei com o teu oráculo: 'quão grandiosas são as tuas obras, Senhor. Todas fizeste na tua sapiência! Esta é o princípio, e neste princípio fizeste céu e terra (AGOSTINHO, 2019, 85-86).



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Para a teologia, provar a existência de Deus sempre se apresentou como questão candente, fundamental, inescapável. A “ciência de Deus” se ocupava de argumentar favoravelmente ao convencimento da facticidade do ser de que tudo procede. Outra semelhança entre o pensamento agostiniano e de Plotino compreende a ideia de um Deus que é a expressão da verdade absoluta, o que pode parecer, *prima facie*, uma ideia simples. No entanto, essa concepção do divino tem por lastro uma ordem de pensamentos bastante refinada. Em *Confissões* (2019), Agostinho associará a ideia de verdade a Deus, a verdade incontroversa, a verdade primeira e última. Em suma, a verdade que ilumina. Visão semelhante à de Plotino, para quem Deus é a origem de todas as verdades, encontráveis pelo homem mediante a busca íntima, o caminho interior. Tornar-se consciente equivale ao encontro da verdade imanente.

Noutro giro, as visões neoplatônica e agostiniana assumem que Deus não é a origem do mal. Como um Deus, que é o sumo Bem, consentiria a manifestação prevalecente do mal no mundo e na história? O que justificaria o episódio da Queda do casal primordial? Questão essa que sempre angustiou a alma e desafiou o intelecto de Agostinho. Vejamos como a sutileza argumentativa do teólogo de Hipona encara e propõe uma solução para o problema.

Segundo Agostinho, não se discute que a suprema divindade a tudo deu vida. No entanto, distintamente do bem, substância proveniente do criador, o mal é a insuficiência (ou mesmo a ausência) do bem e, portanto, não tem substância. O mal decorre da liberdade de escolha conferida por Deus às criaturas, e não do criador. Os seres, imperfeitos que são, estão sujeitos a ceder aos apelos mundanos, à conduta desviante, aos vícios e, conseqüentemente, a dar vazão ao mal. O mal, sem substância (não-ser, inexistente metafisicamente), é parte do itinerário cumprido pelos seres. A superação progressiva do mal, condição sem a qual não pode haver perfeição, conduz o ser a Deus (VASSOLER, 2017).

O homem se diviniza mediante aperfeiçoamento contínuo. Trata-se de um processo de purificação. A centelha de perfectibilidade que habita os seres é a própria presença divina – mais um ponto de contato com o conceito de Uno proposto por Plotino. A experimentação do mal comporta as ideias de aprendizagem e busca de aprimoramento pessoal. A sabedoria concorre para que o ser assuma o bem em detrimento do mal e, assim sendo, atinja a suma perfeição. Agostinho de Hipona, portanto, desonera o divino do mal existente. A sofisticação argumentativa de Agostinho exime Deus de responsabilidade sobre o mal em curso,



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

resguardando o divino de tudo o que resta pernicioso. O homem responde integralmente pelas mazelas correntes. Em sua obra *O livre-arbítrio*, Agostinho ressalva a liberdade humana de eleger as *coisas inferiores* em lugar das *coisas divinas*:

Todos os pecados encontram-se nessa única categoria, a saber: cada um, ao pecar, afasta-se das coisas divinas e realmente duráveis para se apegar às coisas mutáveis e incertas, ainda que estas se encontrem perfeitamente dispostas, cada uma em sua ordem, e realizem a beleza que lhes corresponde. Contudo, é próprio de uma alma pervertida e desordenada escravizar-se a elas. A razão é que, por ordem e direito divinos, foi a alma posta à frente das coisas inferiores, para as conduzir conforme o seu beneplácito (AGOSTINHO, 1995, p. 68).

Constata-se que Agostinho especula sobre a aparente – para ele – contradição entre o mal manifestado e o Deus da cristandade, cabalmente bom, fonte primeira e única da existência. Conforme sinalizamos, na ótica de Agostinho, o mal não possui existência real. Para os maniqueístas, o mal existe por oposição ao bem, como potência necessária e permanente. Vê-se que o Agostinho convertido, ao rejeitar o maniqueísmo, contraditou essa tese.

Em concordância com os postulados de Agostinho, na cosmologia neoplatônica, o mal não existe por si mesmo. A rigor, ele se apresenta estritamente como privação (relativa) do bem. Assim como, do ponto de vista científico, não se pode gerar o frio, porque este só existe na insuficiência do calor. O mesmo raciocínio se aplica à escuridão, perceptível quando embotamos a luz. Os escritos de Santo Agostinho englobarão ainda a figura do Diabo, a contraparte de Deus⁵, origem e agente dos males que afligem o homem em sua pretensão salvífica. O embate cósmico entre Deus e o Diabo não se dá em condições de igualdade e sobre a destinação de cristãos no Além, em referência a Agostinho de Hipona, Jacques Le Goff anotou que:

Santo Agostinho havia dividido os homens em quatro categorias: os “completamente bons”, destinados ao Paraíso; os completamente maus, enviados ao Inferno; os “não totalmente bons” e os “não totalmente maus”, dos quais não se sabia muito bem a sorte que Deus lhes reservava (LE GOFF, 2002, p. 31).

⁵ A esse respeito, ver: BASCHET, Jérôme. Diabo. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. I. São Paulo: EDUSC, 2002, p.319-331.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Por outro prisma, notam-se conformações de conteúdo entre Plotino e Agostinho no que diz respeito também à *teoria da graça divina*. Sobre o tema, torna-se necessário aduzir ao conceito teológico da graça. A doutrina da graça nos moldes agostinianos se tornou imperecível no âmbito da teologia cristã. Resumidamente, o entendimento agostiniano é o de que Deus confere aos homens a graça e essa lhes possibilita, mediante acúmulo individual de méritos, fazer jus à salvação. O dom da graça provém de Deus, prova da benevolência divina e de Seu incontroverso e desmesurado amor pela humanidade. Tese forjada no contexto da controvérsia que Agostinho travou com os pelagianos, para quem a vontade humana seria suficiente para se evitar o pecado.

Pelágio rejeitava o pecado original e confiava no livre-arbítrio como condição suficiente para se resistir ao pecado e praticar o bem. Agostinho, por contraste, confiava na graça salvífica, isto é, na graça que, ofertada por Deus ao homem, consistia na condição sem a qual não se pode repressar as más inclinações. A perspectiva soteriológica de Agostinho passava, por óbvio, pelo fundamento da graça. E, de modo complementar, seu conceito de livre-arbítrio encerra a ideia de que o homem assume a responsabilidade por seus pensamentos, palavras e ações – concepção anterior ao advento do cristianismo e vista, por exemplo, entre os persas masdeístas.

A presença divina também é um ponto de discussão convergente nesses escritos. Na teologia cristã, apoiada na primeira carta de São Paulo aos Tessalonicenses, encontra-se o esquema do homem dividido em três partes – tripartido, tricotômico, trino –, constituído que é de corpo, alma e espírito. Corpo como a dimensão carnal. Alma, a dimensão transcendente. Espírito (associado à alma), uma realidade sobrenatural correspondente à morada divina no indivíduo. Santo Agostinho se refere a esse lugar, o do Espírito, como “... aquilo que, em mim, sou tão eu, tão eu, que já não sou mais eu...” ou “... o Senhor é mais próximo a nós do que nós somos de nós mesmos...”: “*interior intimo meo et superior summo meo*”. Em síntese, consoante a visão agostiniana, estamos a falar da presença divina em nós, tornando-nos templos de Deus, do Espírito Santo.

A título de arremate, não se poderia encerrar esse apanhado comparativo sem discorrer sobre a viabilidade/premência da *união com Deus*. Em seus escritos, Plotino explicitou reiteradamente a necessidade de o homem entrar em comunhão com o divino, fundir-se com o Uno, unir-se a Deus. Conta-se que suas últimas palavras endossavam essa sua determinação,



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

recomendando-a também aos seus semelhantes: “Procurai sempre conjugar o divino que há em vós com o divino que há no universo” (NICOLA, 2005, p. 120).

Plotino estimulava aqueles que acompanhavam suas lições a compulsar no íntimo os porquês da existência e, complementarmente, desaconselhava a busca por verdades objetivas no mundo concreto, no exterior do ser. Postura bastante ajustada à sua procedência platônica. A realidade última só poderia ser acessada na medida em que transcendemos o mundo sensível e as fronteiras do intelecto. A contemplação é aquela que permite a purificação da alma. Sempre que analisados os escritos de Agostinho, à semelhança de Plotino, resta evidente o empenho com que o *santo da inteligência* priorizou as realidades transcendentais, aquelas que têm o condão de conectar as criaturas à divindade.

Considerações finais: a herança agostiniana também é neoplatônica

A construção doutrinal de Santo Agostinho se tornou eminente e prestigiada, sobretudo pelas gerações que se seguiriam à dele. Na obra *Confissões*, narra seus caminhos pregressos, nos quais, sem hesitações ou floreios, Agostinho inclui sua vivência profana, na medida em que declara a conduta desviante que marcou sua vida pré-conversão. Na sequência da vida, radica seu amor pelo divino, amor esse que, confessa, permitiu a ele *localizar o reto caminho*. Nesses desprendimentos de hábitos seculares e na sua guinada para o ofício clerical, nem tudo pode ser visto como mal a ser ceifado. Agostinho, outrossim, aproveitou o vasto repertório intelectual que amalhou de outras tradições para promover, por um lado, seu desapego dos vícios mundanos e, por outro, como guias para discernir as razões de seus atos de fé. De pecador a virtuoso e de possível herege a porta-voz de uma corrente religioso-intelectual que inspirou tantos membros da igreja. Por meio de suas procuras e práticas, Agostinho forjou o entendimento de que o mal em si inexistente e que, não importando a distância, sempre haverá um caminho para acessar a luz de Deus. E, mais do que isso, de que a aproximação com o divino pode iluminar, florescer e dar direcionamento até mesmo àqueles excluídos dos círculos oficiais da Igreja.

A herança de Santo Agostinho, conforme procuramos anotar, também é neoplatônica. Porquanto, em Plotino, reconhecia-se o fundamento da transcendência divina, isto é, a compreensão de um Deus (Uno), visto como o Bem absoluto, que se encontra para além de



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

qualquer determinação cognoscível e é admitido como inefável, indescritível, indizível, inexprimível. Na mente de Agostinho, habita uma imensidão de pensamentos que, guardadas as diferenciações de forma, exprimem significados aparentados daqueles originários do neoplatonismo. Para ele, Deus é de igual maneira o sumo Bem.

Agostinho apresenta-nos uma obra teológica que não nega as contribuições daqueles que, antes dele, ponderaram filosófica ou mesmo misticamente os temas espirituais. Ao contrário, seu espírito crítico lhe permitiu adotar caminhos outros, além daqueles que, da tenra infância à primeira maturidade, colocaram-no em contato com textos não-cristãos. Em verdade, esse diálogo amplo com outros intelectuais e correntes de pensamentos, propiciou a ele maior engajamento e assimilação no que concerne a conhecimentos concebidos fora das instituições clericais. Talvez por isso, por extensão, o pensamento agostiniano viria a influenciar não só estudiosos das religiões ou das expressões católicas e cristãs. Agostinho irradiou sua autoridade como pensador na direção de filósofos, juristas, educadores, historiadores e intelectuais de diversos matizes. Das doutrinas de fé às produções científicas, o doutor da Igreja conseguiu radicar seu legado.

A obra agostiniana, mesmo após sua morte, mostrou-se providencial para várias atualizações de sentido e para o enfretamento de diversos momentos de reestruturação pelos quais o cristianismo passou ao longo dos séculos. Desse modo, teólogos, dos contemporâneos aos mais modernos, nele se inspiram. Dentre eles, Pedro Abelardo (1079-1142), que irá se referir a Santo Agostinho como *omnium theologorum auctoritas* (a autoridade de todos os teólogos). Na tradição *angeológica medieval*, inspirou Gregório Magno que, na companhia de outros, narrara o mundo angélico em permanente ligação com o terrestre. Nesse encontro, o primeiro estava cingido ao domínio espiritual; o segundo, corporal. Discernir a união entre seres angelicais e homens visava, a um só tempo, instaurar compreensões sobre as tradições mundanas e reforçar a devoção desde anjos aos arcanjos. Questões que, decerto, encontram, tanto em Agostinho quanto no neoplatonismo, nortes preciosos, porquanto traduzem as conexões entre divino e humano. Ainda sobre os que seriam influenciados pelo pensamento de Agostinho, pode-se citar os escolásticos, nomes da cristologia ortodoxa e da Igreja Confessional – movimento cristão de resistência ao nazismo.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Por último, a título de síntese, importa ressaltar a (re)utilização por parte de Agostinho de muitas proposições originárias de correntes de pensamento diversas, com destaque para a *filosofia mística* neoplatônica. Aliás, foi exatamente o fato de absorver ideias externas ao cristianismo o que possibilitou a ele avançar e inovar na sua prática exegética. Na observação da teologia de Agostinho, verifica-se uma amálgama engenhosa entre religião e racionalismo, com a prevalência do primeiro elemento. Operar com os conceitos de tradução e transmissão, como Agostinho o fez ao desvelar alguns elementos da tradição filosófico-mística neoplatônica, por óbvio, permitiu a ele manejar e interpretar as *sagradas escrituras* de maneira singular. Em vista disso, como hermeneuta, Agostinho se pautou pela determinação pessoal de frequentar e conhecer compreensões filosóficas diversas, fora dos grilhões daquilo que, à época, reconhecia-se como oficial ou se via chancelado pelas autoridades eclesiásticas. Na esteira desse processo, o presente estudo se dedicou ao exame de alguns dos esquemas e fundamentos neoplatônicos que Agostinho de Hipona se encarregou de traduzir para a linguagem e a doutrina cristãs. Herdeiro de escritos clássicos e sob o impacto das querelas espirituais a que assistia, Agostinho desenvolveu extensa obra intelectual, por meio da qual se empenhou em fazer frente aos problemas filosóficos e teológicos de sua época, no que alcançou êxito.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. Beatriz Cunha. São Paulo: Principis, 2019.

AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio**. Trad. Nair Assis Oliveira. 2. ed. São Paulo: Editora: Paulus, 1995.

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. Trad. Nair Assis Oliveira. São Paulo: Editora: Paulus, 1984.

ALMEIDA, Maria Aparecida; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Exegese bíblica**. Caminhos (Goiânia. Online), v. 14, p. 45-57, 2016.

BASCHET, Jérôme. Diabo (verbetes). In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. I, São Paulo: EDUSC, 2002, p. 319-331.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho: uma biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2005.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

- CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Brasília: Senado Federal, 2008.
- GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de santo Agostinho**. SP: Discurso, Paulus, 2006.
- LE GOFF, Jacques. “A tentativa de organização germânica”. In: LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Trad. José Rivair Macedo. Bauru/SP: EDUSC, 2005.
- LE GOFF, Jacques. “Além”. In: Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (orgs). **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Vol. 1. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Trad. José Rivair Macedo. Bauru/SP: EDUSC, 2005, p. 107-108.
- MORRIS, Charles William. **Fundamentos da teoria dos signos**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1976.
- NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada da filosofia: das origens à Idade Moderna**. São Paulo: Globo, 2005.
- NOVAES FILHO, Moacyr Ayres. **A Razão em exercício: estudos sobre a filosofia de Agostinho**. São Paulo: Discurso, 2007.
- PALACIOS, Pelayo Moreno. (Org.). **Tempo e Razão**. São Paulo: Loyola, 2002.
- PLOTINO. **Enéada VI, 9**. Trad. Bernardo Lins Brandão. Petrópolis: Editora Paideusis, 2020.
- PLOTINUS. **The Enneads**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2019.
- POSSÍDIO. **Vida de santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 1997.
- RAMOS, Francisco M. T. **A Ideia de Estado na doutrina ético-política de santo Agostinho: um estudo do Epistolário comparado com o ‘De Civitate Dei’**. São Paulo: Loyola, 1984.
- VASSOLER, Flávio Ricardo. Um diálogo entre Dostoiévski, Agostinho de Hipona e Allan Kardec: uma possível *via crucis* para a cicatrização do espírito? **RUS** (São Paulo), v. 8 n. 9, p. 66-87, 2017.